



# 2018 TRAZ BONS VENTOS PARA O SETOR DE SEGUROS

**C**rise econômica e intensa instabilidade política fizeram de 2017 um ano bastante desafiador para o segmento de seguros, em particular, e para todos os segmentos da economia brasileira, no geral.

Ainda assim, como veremos nessa edição, este está longe de ter sido um ano perdido para a indústria seguradora. Nós, do Sindseg SP, acompanhamos as seguradoras em um ano marcado pela cautela, com as empresas mantendo-se extremamente focadas nos resultados, estratégia que assegurou ao setor a travessia em águas revoltas, mantendo a trajetória de crescimento observada nos últimos anos. Para o Sindseg SP, em particular, foi um ano de grandes realizações, no campo institucional, com novos programas e projetos e uma forte atuação em questões caras à sociedade, como a prevenção dos acidentes, como se pode ver nas páginas 6 e 7.

Nesta página, o superintendente da SUSEP, Joaquim Mendanha de Ataídes, descreve as estratégias a serem adotadas pelo órgão em 2018.

Para a CNseg, o ano de 2018 chega embalado pela promessa de crescimento. O presidente da instituição, Márcio Coriolano, destaca nas páginas 3 e 4 que

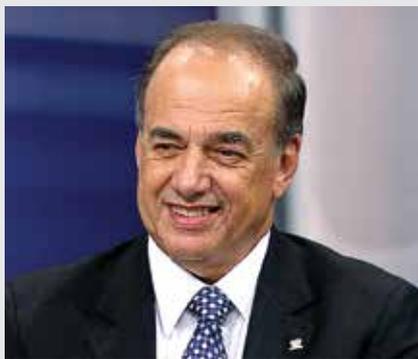
espera que a trajetória de continuidade de recuperação do emprego gere um cenário mais positivo para os seguros massificados, devendo o período, ainda sujeito a algumas variáveis, proporcionar um crescimento de 7,2% a 8,6%.

O presidente da FenSeg, João da FenSeg, João Francisco Borges da Costa, também se mantém otimista para o novo ano, depois de testemunhar um período em que a resiliência do setor foi testada com sucesso. Ele se anima, conforme se vê na página 5, principalmente em relação aos desempenhos dos segmentos de Autômovel e Seguro de Transporte de Mercadorias.

Na página 8, os presidentes da FenaPrevi, Edson Franco, da FenaSaúde, Solange Beatriz Palheiro Mendes, e da FenaCap, Marco Antonio da Silva Barros, descrevem as iniciativas adotadas pelas instituições e pelas empresas dos respectivos setores que permitiram com que atravessassem com sucesso o turbulento ano de 2017.

O presidente da Fenacor, Armando Vergílio, e o do Sincor-SP, Alexandre Camillo, nossos parceiros de sempre, também se animam diante dos sinais promissores emitidos pelos indicadores econômicos.

*Que 2018 seja bem-vindo.*



***“2017 foi um ano de grandes realizações, com a execução de novos programas e uma forte atuação em questões caras à sociedade, como a prevenção de acidentes”***

**MAURO BATISTA**  
PRESIDENTE DO SINDSEG SP

## EXPEDIENTE

**Sindseg SP Notícias** é uma publicação do Sindicato das Empresas de Seguros, Resseguros e Capitalização do Estado de São Paulo. **Presidente:** Mauro Batista. **Diretor Executivo:** Fernando Simões. **Produção:** Néctar Comunicação Corporativa. **Jornalista responsável:** Eugênio Melloni (MTB 19.590). **Redação e edição:** Eugênio Melloni. **Fotos:** Divulgação

## SUSEP IRÁ MONITORAR TENDÊNCIAS DENTRO E FORA DO PAÍS

**O** ano de 2017 não terminou, mas o superintendente da SUSEP, Joaquim Mendanha de Ataídes, já têm definidas as estratégias e ações que sua gestão irá empreender em 2018. “A SUSEP vai intensificar o monitoramento de tendências nacionais e internacionais, com o objetivo de caminhar junto com as transformações, buscando sempre a sinergia do mercado supervisionado e fazendo com que ele se torne cada vez mais dinâmico e justo para os seus consumidores”, afirma ele. O superintendente também destaca que a autarquia manterá as discussões internas e externas por meio de suas comissões, “que são essenciais para a criação e o aperfeiçoamento de novos produtos e regras”.

Medanha considera que tem motivos para comemorar neste final de ano, apesar de 2017 ter sido um ano desafiador. “Tenho conseguido disseminar um dos pilares da minha gestão, que é o fomento à indústria, o que estimula um ambiente favorável ao desenvolvimento do mercado com a elaboração e o aperfeiçoamento de produtos”, destacou ele. Entre as realizações acumuladas ao longo do ano, ele citou votos importantes acatados pelo Conselho Nacional de Seguros Privados (CNSP), como as resoluções das famílias PGBL e VGBL e a resolução sobre o aceite de retrocessão por sociedades seguradoras.

Ele também destacou importantes medidas adotadas para os corretores de seguros, como a retomada do processo de recadastramento, que não vinha sendo realizado havia nove anos, e o início da emissão da carteira de identidade profissional dos corretores, “uma iniciativa que traz mais segurança ao consumidor e valoriza a categoria”.



Coriolano: em 2017, repetiu-se à exaustão o mantra de que o setor de seguros deve ocupar um papel de destaque

# OPORTUNIDADES E RISCOS NO NOVO ANO

Para CNseg, 2018 deverá ser um ano melhor, mas as eleições impõem riscos

**P**ara o presidente da CNseg, Márcio Coriolano, 2017 foi “uma extensão melhorada de 2015 e 2016”, com fatores como a modernização trabalhista e inflação baixa compensando o “crescimento píffio”. O setor de seguros esteve, em um ano ainda muito afetado pela crise econômica, entre os setores mais sólidos, “sem nenhuma evidência de perda de solvência”, o que, segundo o dirigente, “ratifica o papel estratégico que o seguro pode cumprir na economia”. O presidente da CNseg considera ainda que a manutenção de uma trajetória de recuperação do emprego traz boas expectativas para os seguros massificados. Ele destaca que muitas variáveis vão definir o rumo do mercado, razão pela qual “nossa estimativa é de que o crescimento de seguros oscile de piso de 7,2% ao teto de 8,6% no próximo ano”. Veja a entrevista a seguir:

**NOTÍCIAS SINDSEG SP** – Como foi o ano de 2017 para as seguradoras? Como o segmento foi impactado pela crise econômica?

**MÁRCIO CORIOLANO** – Não fosse o efeito calendário, poderíamos dizer que 2017 foi uma extensão melhorada de 2015 ou 2016 no plano macroeconômico, com impactos variados entre as carteiras de seguros. Contudo, alguns sinais vitais, como inflação baixa, queda dos juros, aumento da renda média, diminuição discreta da alta taxa de desemprego (ainda na casa de dois dígitos), aprovação de parte das reformas estruturantes, como a trabalhista, contribuíram para explicar a melhora dos indicadores da atividade econômica. Assim, ainda que a taxa do PIB caminhe para fechar o ano entre 0,5% e 1% positivo – um crescimento píffio, mas um alento, se olharmos para os dois anos imediatamente anteriores (3,5% em 2015 e 3,6% em 2016) – esta reação é im-

portante para mexer nos indicadores de confiança, gerando uma percepção mais positiva dos agentes econômicos e dos consumidores sobre a conjuntura e perspectiva de futuro. Isso traz consequências importantes, como retomada gradual de investimentos, do consumo, das contratações de pessoas e de serviços, fazendo girar a roda da economia. Este pode ser um resumo de 2017 e de um cenário econômico no qual nossa atividade interagi. Não foi o melhor dos mundos, mostram os números do mercado. Mas foi o resultado possível, para um exercício em que algumas das principais atividades econômicas ainda tentam se recuperar da profunda recessão em que mergulharam a partir do segundo semestre de 2014 – a exemplo da construção civil, financiamento imobiliário, indústria automobilística, indústria de petróleo, infraestrutura –, reverberando

## **“Para o mercado segurador, constar entre os segmentos que mais resistiram à crise já é uma notícia gratificante”**

**MÁRCIO CORIOLANO**

desaceleração, estagnação ou queda para diversos outros segmentos da economia. O que inclui o seguro, que não é uma ilha isolada e sente as mudanças das marés econômicas. Por exemplo, como a safra agrícola bateu recorde de produção de grãos neste ano, a carteira de riscos rurais subiu 13% até setembro, ao passo que, seguindo a conjuntura mais adversa, outras tiveram desaceleração ou queda. Há outros casos, como alguma recuperação do crédito, com efeitos benéficos sobre os ramos de crédito e garantias, e o efeito da volatilidade do mercado de ativos sobre os planos de previdência VGBL e PGBL. Pelo menos o mercado de seguros conseguiu permanecer resiliente e caminha para mais um ano de crescimento nominal positivo, algo entre 6% e 7,7%, talvez até mais, dependendo do desempenho do VGBL e PGBL no último trimestre.

**NS** – Quais foram os destaques do setor neste ano?

**MÁRCIO CORIOLANO** – Para o mercado segurador, o fato de constar entre os segmentos que mais resistiram à crise já é uma notícia gratificante. E estar entre os setores mais sólidos, sem nenhuma evidência de perda de solvência, ratifica o papel estratégico que o seguro pode cumprir na economia. Não só mitiga os riscos daqueles que contratam seguros, como protegem pessoas, seu patrimônio e negócios, sobretudo em períodos recessivos, quando a retomada se torna mais difícil. Além de suportar desembolsos bilionários via resgates, benefícios ou sinistros pagos – mais de R\$ 95 bilhões acumulados até setembro, segundo números da SUSEP, excluindo-se Saúde Suplementar –, algo que contribuiu para frear o ritmo de queda da atividade econômica, pudemos disponibilizar nossa poupança em prol da retomada. São mais de um trilhão de ativos garantidores ou recursos próprios movimentados pelo mercado e disponíveis para fazer a economia girar. Mesmo sem ainda estar entre os setores que constam da política econômica do governo, algo fundamental para tornar a economia mais resistente ao ciclo de

baixa e mais célere na retomada, o seguro já cumpre um papel de destaque e pode ir além, se estimulado adequadamente. Não é por acaso que as economias onde o seguro é consolidado recuperaram-se mais rapidamente. Ao longo de 2017, este mantra de que o mercado de seguros deve ocupar um papel de destaque na política econômica do governo foi repetido à exaustão, e nossa percepção é de que começamos, finalmente, a ser levados a sério.

**NS** – Quais foram as principais realizações da CNseg em 2017?

**MÁRCIO CORIOLANO** – As diretrizes da Carta de Ipanema da CNseg continuaram a ser a bússola e a inspiração de nossa diretoria executiva no campo institucional. A Carta de Ipanema é um documento que reúne as ações institucionais que devem ser materializadas no triênio 2016/2019 pela atual gestão. Engloba iniciativas das mais variadas, como coordenar ações político-institucionais, representar o segmento perante o governo; a sociedade e entidades nacionais e internacionais do mercado segurador; debater o aperfeiçoamento da agenda regulatória, tornando-a mais suave diante do atual ambiente de dificuldades econômicas e em favor da expansão da atividade; disseminar conhecimento e educação em seguros; estimular as boas práticas; melhorar a interlocução com poderes constituídos, com os órgãos reguladores e de defesa dos consumidores e prestar serviços cada vez mais qualificados para os associados.

Enfim, todas as nossas ações institucionais, agora sob o guarda-chuva do Programa de Educação em Seguros – eventos, publicação de livretos, criação de uma rádio na internet, participação em debates, canal no YouTube, Facebook e LinkedIn – focaram algumas dessas diretrizes. E, em cada um desses capítulos, tivemos avanços importantes, o que torna nossa avaliação do ano positiva. Uma vertente explícita é ampliar e aprofundar a comunicação da importância econômica do mercado de seguros. A criação de boletim de conjuntu-

ra, denominado Carta de Seguros, integrada essa diretriz, para nos colocarmos junto a autoridades econômicas e analistas setoriais como um interlocutor à altura. Do ponto de vista mais prático, o da regulação setorial, a CNseg, por meio de suas Federações, teve papel decisivo na discussão de produtos destravados pela SUSEP em 2017, como o seguro de Auto Popular, seguro de vida universal e revisão normativa do PGBL e VGBL, apenas para citar alguns.

**NS** – O que se pode esperar de 2018, considerando-se o cenário de retomada da economia que se desenha nesse final de ano?

**MÁRCIO CORIOLANO** – Inicialmente, será um ano melhor que os anteriores, tendo em vista os benefícios que trazem a maior taxa de crescimento econômico, estimada em 2,5% pela pesquisa Focus do Banco Central, de inflação perto do centro da meta, de juros na casa de um dígito. A trajetória de continuidade de recuperação do emprego gera um cenário mais positivo para os seguros massificados. Mas muitas variáveis vão definir o rumo do mercado, razão pela qual nossa estimativa é de que o crescimento de seguros oscile de piso de 7,2% ao teto de 8,6% no próximo ano. Certamente, fará a diferença a aprovação das reformas que o Brasil precisa – previdenciária, tributária – e, tão importante quanto, as reformas microeconômicas, como desburocratização, desjudicialização e alívio da regulação governamental, já que o formato atual tem infligido custos de transação ao nosso setor de maneira importante.

**NS** – Quais são os principais desafios para 2018?

**MÁRCIO CORIOLANO** – Há uma série de riscos e oportunidades para todos os agentes econômicos. A começar pelo ano eleitoral, que sempre gera maior volatilidade, cautela e prevenção dos atores econômicos. Afinal, todos querem ter certeza de quem estará no comando do Brasil a partir de 2019 terá condições de realizar as reformas necessárias para o país trilhar o crescimento sustentado, de adotar ajustes finos na regulação para reduzir seus custos, de tocar as reformas microeconômicas para fomentar investimentos etc. Enfim, não só pelo ano eleitoral, mas também pelo avanço da economia digital, da inteligência artificial, vivemos em plena era do imprevisível, e não há bala de prata para dar conta de todos os fatores de riscos. Mas, sejamos pragmáticos, os verdadeiros desafios serão manter a confiança dos empresários em meio à ainda difícil situação fiscal e à volatilidade política em ano eleitoral.

# BONS PRESSÁGIOS

Depois de um ano marcado por uma grande resiliência do setor diante da crise, FenSeg vê com otimismo a chegada de 2018

**P**ara o presidente da FenSeg, João Francisco Borges da Costa, o ano de 2017 termina com expectativas positivas em relação ao próximo ano. O setor de seguros gerais manteve um crescimento sustentado em 2017, exibindo solidez e resiliência diante da crise. Para 2018, boas perspectivas em relação a segmentos como Automóvel e Seguro de Transporte de Mercadorias alimentam o otimismo da Federação. Na entrevista a seguir, Costa faz o balanço de 2017 e aponta o que espera de 2018:

**NOTÍCIAS SINDSEG SP** – Como foi o ano de 2017 para o setor de seguros? Como o setor foi impactado pela crise econômica neste ano?

**JOÃO FRANCISCO BORGES DA COSTA** – No que diz respeito ao segmento de seguros gerais, o desempenho do mercado segurador em 2017 tem apresentado uma trajetória de crescimento sustentado. O setor demonstra, mais uma vez, que se mantém sólido e resiliente diante dos problemas econômicos enfrentados pelo país. A maior carteira dos seguros gerais, Automóvel, retomou o crescimento e fechará o ano com aumento de 7%, um desempenho fortemente influenciado pela retomada da venda de veículos. Segundo dados da Anfavea, o crescimento acumulado no ano do setor automotivo saltou de 3,7% até junho para 7,4% no acumulado entre janeiro e setembro deste ano, na comparação com o mesmo período de 2016. Outro ramo de seguro que apresentou expressivo volume de prêmios foi o Garantia. O crescimento chegou a 50% graças ao desempenho do seguro de Garantia Judicial, além dos seguros Habitacional, Crédito e Rural, que têm demonstrado resultados importantes, atingindo a casa de dois dígitos de expansão.

**NS** – Quais foram as principais conquistas e realizações neste ano?

**JOÃO FRANCISCO BORGES DA COSTA** – A FenSeg acredita que o momento é de muita união e compromisso na apresentação de contribuições e propostas do mercado para ajudar a mitigar os efeitos da crise. Em 2017, a Federação vem se empenhando, no âmbito de suas Comissões Técnicas, no estudo e criação de novos clausulados e no esforço para difusão de novos produtos, sempre levando em conta a transparência e a clareza. Nessa linha, grandes conquistas foram obtidas em 2017: o desenvolvimento do Seguro Auto Popular, que é um avanço e que deverá ser aprimorado com o objetivo de trazer benefícios para a população e para o mercado de seguro como um todo; as recentes discussões em torno das novas regras para o seguro de R.C. Ônibus, que tem por objetivo atrair mais seguradoras para sua comercialização, tornando-o mais competitivo e atraente para os segurados; e, ainda, as novas condições expedidas pela SUSEP para o Seguro D&O (Responsabilidade Civil de Diretores e Administradores), muito promissoras em sua maior abrangência, já que sua contratação poderá beneficiar não somente pessoas jurídicas, mas também pessoas físicas. Outras iniciativas também foram adotadas pela FenSeg, como a criação de cartilhas, que atendem às expectativas do público em geral, pois os textos são esclarecedores e elucidativos, e a instalação da Comissão Estratégica de Seguros Corporativos, que foi criada com os seguintes objetivos: visibilidade mais estratégica nas tratativas com os órgãos competentes, de forma a obter melhor oferta de produtos e serviços aos clientes segurados; ampliação do canal de comunicação entre o mercado segurador, mercado de resseguros e demais atores da indústria de seguros em geral; apoiar e também buscar subsídios junto às comissões técnicas já existentes na FenSeg; fortalecimento da representatividade no âmbito dos assuntos relacionados ao segmento de Seguros Corporativos; tratar dos assuntos que envolvam a estratégia das seguradoras que operam no segmento. Com a criação da Subcomissão de Projetos de Lei, a FenSeg passou a oferecer sistematicamente subsídios à CNseg para o acompanhamento das matérias legislativas. A FenSeg participou, ainda, com sugestões para a regulamentação do Projeto



**JOÃO FRANCISCO BORGES DA COSTA**  
PRESIDENTE DA FENSEG

de Lei nº 6814/2017, que institui normas para licitações e contratos da Administração Pública e revoga a Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, para o desenvolvimento da contratação do Seguro Garantia.

**NS** – Quais são as perspectivas para 2018, considerando-se um cenário de retomada da economia que se desenha neste final de ano?

**JOÃO FRANCISCO BORGES DA COSTA** – As perspectivas são ótimas para 2018. Podemos citar como fatores que poderão beneficiar a indústria do seguro no próximo ano: o crescimento do setor automotivo, que já apresentou recuperação expressiva em 2017 e poderá alavancar as operações no ramo Automóvel; o Seguro de Transporte de Mercadorias, no qual deveremos ter avanços em razão da previsão de crescimento do PIB para 2018; os aportes prometidos pelo Governo Federal para alavancar a construção civil com a retomada de obras de infraestrutura, que deverão melhorar o desempenho dos Seguros de Riscos de Engenharia. E, ainda, o Seguro Garantia, que deverá continuar crescendo com o produto Garantia Judicial.

**NS** – Quais são os principais desafios para 2018?

**JOÃO FRANCISCO BORGES DA COSTA** – Temos três grandes desafios: o primeiro deles e, talvez o mais importante, é o combate às cooperativas e associações de proteção veicular, mercado marginal que fere as regras de solvência e de provisões técnicas de sinistros e são prejudiciais para consumidor; aperfeiçoar e implantar cada vez mais o Seguro Popular de Automóvel e, ainda, continuarmos na discussão da Lei de Obras Públicas para ampliar o Seguro Garantia.

# APESAR DA CRISE, UM ANO COM MUITAS AÇÕES DO SINDSEG SP

Projeto Vida Segura foi o principal destaque, entre as muitas ações do Sindicato

O ano de 2017 foi de cautela para a indústria seguradora, conforme define o presidente do Sindseg SP, Mauro Batista. Como os demais segmentos da economia, o setor de seguros sentiu os efeitos da crise econômica e das turbulências na cena política. Com base em um planejamento prévio, o setor manteve o foco no resultado e atravessou o período mais crítico. “O mercado havia se preparado para isso, fez o dever de casa e a travessia acabou sendo, não diria tranquila, mas dentro do esperado, ou um pouco melhor”, explica Batista. A despeito do cenário econômico e político, o Sindseg SP está comemorando um dos seus melhores anos no que se refere às ações institucionais realizadas. Com o objetivo de demonstrar a importância do seguro, o Sindicato lançou novos programas, repaginou antigas ações, reforçou parcerias já consolidadas e encontrou novos parceiros. O resultado é um conjunto de atividades que trouxeram benefícios para a sociedade, como as iniciativas adotadas visando a educação no trânsito, e também para o setor, como os seminários e discussões sobre temas de interesse. Na entrevista a seguir, Batista fala mais sobre o ano que se encerra:

**NS** – Como foi o ano de 2017 para as seguradoras?

**MAURO BATISTA** – 2017 foi um ano para o qual a indústria do seguro já tinha, algum tempo antes, pelo menos por volta de 2015, 2016, quando a crise ficou mais aguda, se preparado, obviamente. As estratégias para a travessia de 2017 foram adotadas com antecedência. Os indicadores já eram ruins – e de certa forma continuam sendo. Para fazer frente a isso, a indústria teve que tomar algumas atitudes. Foi um ano em que se privilegiou mais resultado e se abriu mão de market share. Em que se buscou o posicionamento, a conquista, que continuam sendo importantes, mas sem a estratégia agressiva para se conquistar mercado. O resultado foi prioridade para a maior parte das seguradoras. Isso é a tônica do desenvolvi-



**Mauro Batista:** “2018 será um ano que exigirá muito a criatividade, a

mento do mercado. É claro que tem seguradoras que tiveram de se posicionar diante de novos desafios. Temos, por exemplo, casos de seguradoras com marcas novas que tiveram de queimar combustível para conquistar mercado. Todo dia é dia de conquistar novos clientes, mas se fez isso com a devida cautela em relação a resultados. Resumindo, o ano de 2017 para as seguradoras do Estado de São Paulo foi um ano em que se cumpriu as estratégias traçadas em relação ao que seria o período. Foi um ano difícil, com a economia ainda mostrando pequenos passos em seu avanço, tímidos ainda. Vivenciamos uma alta taxa de desemprego, com evasão grande de clientes de carteiras como a de saúde. O mercado havia se preparado para isso, fez o dever de casa e a travessia acabou sendo, não diria tranquila, mas dentro do esperado, ou um pouco melhor.

**NS** – Como foi a atuação do Sindseg SP em suas várias frentes de atuação em 2017?

**MAURO BATISTA** – Na área institucional, 2017 foi, talvez, um dos melhores, senão o melhor ano nosso, em termos de realizações. O dever do Sindseg SP é tratar dos interesses das associadas, que são as seguradoras e resseguradoras, em todos os seus aspectos. É óbvio que cada uma tem sua estratégia, sua maneira de agir, se precavendo, é claro, de todas as intempéries que possam surgir em suas caminhadas. O Sindseg SP está atento a tudo isso. O que o sindicato fez, em todo esse exercício de 2017, foi buscar demonstrar positivamente o seguro e colaborar com os meios de controle, de governança, das seguradoras. Também buscou ser muito atuante junto ao Estado, fazendo parcerias para ajudar a combater o crime organizando, criando mecanismos de informação. Isso foi uma ação em que sempre tomamos como base a Lei do Desmonte, se aproximando dos órgãos de repressão e controle da segurança, como a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo. Houve um intercâmbio intenso, em que o



FOTO: MARCELO PEREIRA

## “Queremos demonstrar que, além de cobrir riscos, as seguradoras exercem também a cidadania”

MAURO BATISTA

expertise de cada um, as experiências acumuladas”

peçoal do Sindicato manteve atenção em relação às Delegacias de Polícia, à Polícia Militar e à própria Secretaria. Entre as ações, contribuimos para a identificação de regiões onde as demandas do crime eram maiores e apresentamos controles nossos em relação aos eventos de roubo e latrocínio abrangendo veículos segurados. No que tange à prevenção, queremos demonstrar à sociedade nossa contribuição para diminuir os acidentes de trânsito. As coisas têm jeito, o que é preciso é ter disciplina e atitude em relação ao que não deve ser praticado no trânsito. Isso foi materializado por meio de duas campanhas: o Maio Amarelo e a Semana Nacional de Trânsito. Outro fato importante, que se configurou em um estímulo grande em relação ao futuro, foi o Projeto Vida Segura, desenvolvido em parceria com a Secretaria de Educação do Estado. Esse é um projeto fantástico, que pretende atingir, ao longo de uma década, 5 mil escolas, nas quais os alunos de ensino fundamental terão oportunidade de, utilizando um smart phone e baixando um aplicativo, entrar em um processo de gamificação e ter uma ideia do que é ser previdente, cauteloso, poupar o que tem para fins de repor perdas, ter um plano de previdência complementar à Previdência Social. E aí se tem um desdobramento para outros tipos de seguro. É um embrião que está sendo colocado na cabeça dos jovens, cujo resultado certamente não é tangível agora, mas será, sem sombra de dúvida, no futuro. Essa é uma conquista grande, talvez o grande marco da gestão em 2017. Nós temos o hábito de falarmos sempre para nós mesmos. E tentamos continuar nessa linha, pois as empresas têm de se inteirar, uma com as outras, sobre conceitos. Fizemos algumas conferências e debates importantes, como “Lições de Mariana”, sobre a gestão do risco de mineradoras, as razões da catástrofe envolvendo o rompimento da barragem em Mariana. Atuamos também na questão dos riscos cibernéticos, trazendo especialistas de empresas como a IBM. Essa interação

fez com que pessoas também de fora do setor se interessassem. O Sindseg SP se entusiasmou e, juntamente com outras instituições fez esses eventos. Outro evento importante teve como tema a psicopatia como fator de risco. Colocando tudo isso na mesa, vemos que foi um ano de realizações institucionais muito fortes. Talvez o melhor dos últimos anos. Recomeçamos também neste ano o projeto “Seguro em todo o Estado”, para falar para formadores de opinião sobre como o seguro é importante. É tão importante que não pode ser encarado como um “mal necessário”. É mais do que um bem necessário. O discurso do Sindseg SP é que o seguro tem uma positividade alta. Se não existisse o seguro, seria o caos. O seguro tem de ser visto como uma proteção. Alguém que contrata o seguro é como alguém que parte para uma viagem levando sua caixa de remédios.

**NS** – Quais são as suas expectativas em relação a 2018?

**MAURO BATISTA** – Para 2018, as nossas expectativas são um pouco melhores. Temos uma noção de que a crise financeira não vai terminar. O desemprego deverá continuar em alta. Será um ano talvez até mais difícil que o de 2017. Será um ano de eleições. O presidente da República conseguiu consolidar sua posição, mas é apenas, em nossa visão, uma questão de legalidade. Deverá continuar pressionado pelas informações, verdadeiras ou não. Com o viés das eleições, vai continuar tentando sair do olho do furacão. Mas, mesmo com tudo isso, com essas dificuldades, a gente acredita que vai ser um pouco melhor em razão dessa coisa toda que move a vida do país: o entusiasmo, as pessoas realmente não desistem. As coisas vão acontecendo e o seguro tem de estar presente. A expectativa é a de que, em 2018, exista até um crescimento pequeno, de 3% a 4% acima do índice inflacionário, em relação a 2017. Os ajustes vão continuar a acontecer nas seguradoras, tudo de acordo com a estratégia de preservar resultados. Há um viés novo, que é a era digital. Todos precisam se adaptar a isso, o que implica custos, mudança de comportamento dos clientes. Será um ano que também exigirá muito a criatividade, a expertise de cada um, as experiências acumuladas. No campo institucional, o Sindseg SP vai entrar com toda a sua pujança, sua expertise, permanecendo atento aos aspectos de governança do Estado, que no nosso caso é focado no Estado de São Paulo, abrangendo as Prefeituras e os diversos órgãos e autarquias do governo de São Paulo. A indústria também deverá ter, institucionalmente, o mesmo comportamento em relação ao cenário federal. Queremos repetir as coisas que deram certo. O processo é manter crescente criatividade em relação a tudo o que pode ser feito, sempre com o viés de demonstrar que além de exercer atividades próprias que a indústria tem, que é cobrir risco, as seguradoras exercem também a cidadania. O Sindseg SP está nesse bojo, exercendo cidadania oferecendo oportunidades para que a sociedade possa desfrutar de boas informações, ser auxiliada e orientada para cumprir.



**EDSON FRANCO**  
PRESIDENTE DA FENAPREVI



**MARCO ANTONIO DA SILVA BARROS**  
PRESIDENTE DA FENACAP



**SOLANGE BEATRIZ PALHEIRO MENDES**  
PRESIDENTE DA FENASAÚDE

## UM ANO DE CONQUISTAS

Os segmentos de saúde suplementar, previdência privada e capitalização experimentaram avanços em 2017

Os segmentos de saúde suplementar, previdência privada e capitalização vivenciaram, em 2017, de formas distintas os efeitos da crise econômica sobre os seus desempenhos. Para esses segmentos, contudo, o ano foi marcado por iniciativas importantes, como mudanças em marcos regulatórios, discussões acerca de questões estratégicas importantes e por lançamentos de produtos.

A crise econômica, acompanhada de desemprego e perda de renda, atingiu diretamente o setor de saúde suplementar. “Nos dois últimos anos, por exemplo, os planos de saúde perderam aproximadamente 2,5 milhões de vínculos. Só em 2016 esse número foi de 1,5 milhão de consumidores”, informa Solange Beatriz Palheiro Mendes, presidente da FenaSaúde, que reúne as operadoras do segmento.

Ela acrescenta que a crise econômica não foi o único problema. O setor enfrenta questões estruturais, como a inflação médica, cuja variação supera a inflação geral, como consequência da inclusão de novos procedimentos no rol de cobertura obrigatória, sem estudos de impactos.

Para a FenaPrevi, que representa os segmentos de previdência privada e de seguros de pessoas, o período de janeiro a setembro de 2017 foi marcado pelo crescimento: o valor pago pelos segurados para contratação de coberturas para seus riscos pessoais foi de R\$ 25,45 bilhões,

alta de 11,80% em relação aos R\$ 22,71 bilhões dos nove meses de 2016.

No segmento de previdência privada aberta, houve, no período, expressiva evolução no volume de novos aportes em setembro, na comparação com o mesmo mês do ano anterior. “O setor vem crescendo de forma consistente, impulsionado pela convicção dos brasileiros de que é preciso constituir reservas para complementação de renda na fase de aposentadoria”, diz Edson Franco, presidente da FenaPrevi. O segmento de seguros de pessoas, segundo a FenaPrevi, registrou no terceiro trimestre deste ano R\$ 8,43 bilhões em prêmios – montante 13,44% superior ao movimentado no mesmo intervalo de 2016.

Para a FenaCap, que reúne as empresas de capitalização, o primeiro semestre de 2017 foi um período marcado pela retração da receita global. “Mas, em razão das próprias soluções ofertadas pelo mercado, a capitalização se mostrou bastante resiliente. Em alguns casos, mais que isso: apresentou crescimento expressivo”, afirma o presidente da FenaCap, Marco Antonio da Silva Barros.

### CONQUISTAS

A presidente da FenaSaúde considera que uma das principais conquistas do setor em 2017 foi colocar, na agenda do Legislativo e na sociedade, o debate sobre um novo marco legal para a Saúde Suple-

mentar. “A discussão jogou luz sobre essas questões estruturais do setor, como custos desenfreados, judicialização em alta, papel do consumidor, formas de aumentar o acesso ao serviço, entre outras” diz Solange. “A Saúde Suplementar precisa de um novo marco legal que traga sustentabilidade ao setor e garantias ao consumidor, proporcionando uma relação mais equilibrada e justa.”

A FenaPrevi comemora as novas regras anunciadas pela SUSEP e pelo Conselho Nacional de Seguros Privados em setembro, que tratam da modernização dos planos PGBl e VGBl. De acordo com Franco, a nova regulação permitirá que as seguradoras lancem produtos ainda mais adequados às necessidades dos consumidores e representa a primeira grande inovação de mercado nos últimos 15 anos, desde a criação dos planos VGBl no país.

Já a FenaCap viu o produto de capitalização se diversificar e se consolidar também como uma plataforma de soluções de negócios com sorteios. Os títulos de garantia locatícia e de Incentivo são bons exemplos disso, diz Barros. “O produto Popular se tornou uma via importante para estimular a filantropia, por meio da cessão do direito de resgate a entidades com reconhecida atuação social. Vamos encerrar o ano com 17 milhões de clientes, sendo que, desse total, 1,1 milhão são pessoas jurídicas”, acrescenta ele.

# O NOVO COMO DESAFIO

Os corretores veem o cenário econômico melhorar na virada do ano, trazendo boas perspectivas para 2018.

Os corretores, assim como os empreendedores e profissionais liberais, sentiram os efeitos do cenário de instabilidade na economia, atesta o presidente da Fenacor, Armando Vergílio. “Mas, essas dificuldades se concentraram nos primeiros meses do ano. Neste segundo semestre, já há sinais de recuperação dos negócios e o otimismo começa a retornar, como demonstram as últimas pesquisas do ICSS, nosso indicador mensal do nível de confiança do mercado”, diz ele. Em outubro, segundo o indicador, 45% dos corretores de seguros entrevistados acreditava que o faturamento do setor irá crescer no próximo semestre; outros 55% responderam que haverá, no mínimo, uma estabilidade nos negócios, dentro de um cenário que já está mais positivo.

Segundo o presidente do Sincor-SP, Alexandre Camillo, as corretoras de seguros amargaram, em 2017, uma queda de faturamento em razão da redução dos percentuais de comissionamento, fruto da concorrência, da postura das companhias, e também, evidentemente, devido às novas exigências do consumidor. Houve, em contrapartida, um crescimento do mercado de seguros, atenuando os efeitos negativos. “No frígido dos ovos, esse é um ano ainda a se comemorar pelo que foi de forma geral”, disse Camillo, ressaltando que o achatamento da receita das corretoras preocupa e mantém os corretores mobilizados, em busca de uma solução.

## BATALHA

As batalhas do segmento de corretagem de seguros não foram travadas somente na disputa pelo consumidor. Vergílio destaca que foi “um ano de muitas batalhas duras”, mas com grandes conquistas. “A principal delas, sem dúvida, foi a manutenção dos corretores de seguros na tabela mais favorável do SuperSimples”, aponta ele. Outra vitória relevante foi a união das entidades do mercado em torno do combate à “proteção pirata” comercializada por associações, destaca Vergílio. “Junto com a CNseg e a Escola



**ARMANDO VERGÍLIO**  
PRESIDENTE DA FENACOR



**ALEXANDRE CAMILLO**  
PRESIDENTE DO SINCOR-SP

Nacional de Seguros, elaboramos uma cartilha para orientar tanto a sociedade quanto os parlamentares que integram a Comissão Especial que analisa o Projeto de Lei 3139/15, que proíbe a comercialização de produtos com características de seguros por aquelas associações”, diz ele. Vergílio acrescentou que continua a lutar pela aprovação do projeto de lei.

Camillo destaca que em 2017 foi realizado um trabalho de conscientização do corretor de seguros da importância de sua intermediação e de sua consul-

toria, em face do desenvolvimento tecnológico. “A principal conquista acho que foi vencer este momento de tanto temor, de tanta inquietude, principalmente em razão do pânico que se instalou pelos avanços tecnológicos, novos recursos, inteligência artificial”, disse ele. Segundo Vergílio, o tema também mobilizou a Fenacor, que atuou em diferentes frentes para ajudar e preparar o corretor em um cenário de muitos desafios, concorrência acirrada e de mudança no comportamento dos consumidores, principalmente os mais jovens. “Nesse contexto, organizamos o 20º Congresso dos Corretores de Seguros, realizado em Goiânia em outubro, de forma que o evento pudesse indicar caminhos para o corretor, diante do rápido avanço das ferramentas tecnológicas, das insurtechs, das vendas pela Internet”, afirma o presidente da Fenacor.

## OPORTUNIDADES

Camillo acredita que o corretor de seguros deverá encontrar ótimas oportunidades em 2018. “Felizmente a economia do Brasil demonstra claramente a pujança e o potencial do país”, diz ele. “Vemos vários setores retomando o crescimento e aí temos que nos considerar felizardos de participar do setor de seguros, que sobreviveu a esse período de baixa tendo crescimento ainda e que certamente só tem a ganhar com a retomada”.

Na visão de Vergílio, as perspectivas para o ano vindouro são muito boas. “Felizmente, o Brasil está saindo da maior crise econômica das últimas décadas e de uma recessão sem precedentes. A economia já dá sinais claros de recuperação. Então, o mercado de seguros certamente vai se favorecer desse novo cenário mais positivo”, prevê ele. Ele considera que o novo ano apresentará como desafio para os corretores “a necessidade de investir no novo e usar as ferramentas tecnológicas”, sem, contudo, “deixar de orientar o consumidor para que ele não arrisque o seu patrimônio, o futuro da sua família ou a continuidade dos seus negócios ao fazer uma opção equivocada ou inadequada”.

# UM ANO PRA DAR CERTO

**F**uturologia é assunto complicado. Então, o cenário para o Brasil em 2018 precisa ser tratado com algum cuidado. Não adianta ser mais otimista do que o país permite, da mesma forma que não adianta ser mais pessimista do que os dados apontam.

O fato incontroverso é que o atual governo é composto por profissionais da política que conseguiram virar o jogo, administrar as relações com o Congresso e com o Judiciário e ainda por cima colocar na linha de frente uma equipe econômica com credibilidade dentro e fora do país.

Os resultados estão nos noticiários: mês a mês o país vai se recuperando, a economia vai dando sinais de vida, o emprego começa a voltar, as compras deste natal serão mais quentes do que as do ano passado etc.

Ninguém espera um 2018 turbinado, mas já tem gente qualificada falando em crescimento acima de 3% no ano. É uma aposta alta, mas é sempre bom não esquecer a enorme capacidade de recuperação da sociedade brasileira. É surgir uma luzinha no fim do túnel e a nação reage rapidamente, a atividade econômica surpreende, a arrecadação surpreende, o desempenho de setores que estavam fazendo água surpreende, e assim vamos. Por que é assim? Porque o Brasil é um país riquíssimo, com uma capacidade de produção impressionante, gente competente e uma enorme capacidade de submersão que esconde parte das riquezas nacionais nas épocas de recessão.

No primeiro sinal de aquecimento ou de fim da crise, esses recursos voltam ao mercado e facilitam a retomada plena da capacidade de produção nacional e encurtam o tempo necessário para reverter os estragos da crise.

Nós estamos neste momento. Em princípio, ninguém acredita que o cená-

***“Os sinais já identificados garantem que a crise passou e que, apesar de todas as dificuldades, a economia cresce em 2018. Grande notícia para o setor”***

ANTONIO PENTEADO MENDONÇA



rio político possa contaminar o universo econômico, mas isto tem alguma dose de boa vontade, ou de desejo de que o país dê certo. A realidade é mais complexa.

Apesar da aprovação de reformas importantes e de leis essenciais para garantir a competitividade nacional, ainda há muito a ser feito. E esse muito depende do Congresso, de composições políticas e da boa vontade do Judiciário e do Ministério Público, o que pode atrasar o ritmo de recuperação socioeconômica brasileira.

De qualquer forma, os sinais já identificados garantem que a crise econômica passou e que, apesar de todas as dificuldades à frente, a economia cresce em 2018.

Esta é a grande notícia para o setor de seguros. Com a economia crescendo, a demanda por proteção aumenta e as apólices voltam a ter procura em todos os níveis da sociedade.

A retomada da economia deve gerar recursos para investimentos na cadeia produtiva e para a remuneração da massa trabalhadora. Isto significa mais seguros empresariais e mais seguros individuais. As duas vertentes estarão aquecidas em relação aos últimos anos. O que muda é que a competição também será mais acirrada. O mundo moderno oferece facilidades, mas também cobra o preço por colocá-las à disposição da sociedade. E o nome deste preço é profissionalismo. Quem souber o que está fazendo e se valer das ferramentas tecnológicas existentes no dia a dia da profissão tem tudo para se dar bem.

O mercado é comprador e o país precisa de seguros. Neste cenário, seguradoras e corretores que fizerem a leitura correta com certeza vão se dar muito bem.